



Um olhar sobre Timor

**Catálogo de apoio à exposição patente na Biblioteca João Paulo II
da Universidade Católica de Lisboa de Janeiro a Março de 2014**

Fotografias de
M.Margarida Pereira-Müller
e de
Hans-Jürgen Müller

Timor, a ilha do sândalo

Muita expectativa na ida para Timor. Como seria o país? Como estaria o país?

Antigamente, Timor era visto como uma colônia longínqua, calma—mas ao mesmo tempo um lugar de degredo para os presos políticos.

A ilha sempre atraiu chineses, malaios e mais tarde europeus por causa da abundância de madeira de sândalo — Timor tinha densas florestas de sândalo branco, o mais valioso -, mel, cera e especiarias. A nós, Timor também nos atraía— por outras razões.

Após a tomada de Malaca, o vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, envia uma expedição de três juncos às ilhas das Molucas (que vimos a olho nu da fortaleza de Tutuala) para garantir o controle do sândalo e das especiarias. Essa armada, comandada por António Abreu, terá navegado ao longo de Timor, sem ter aportado. Os mapas desenhados em 1512 por Francisco Rodrigues já representam a costa de Timor.

Nessa altura, a ilha estava dividida e, muitos pequenos reinos feudais subdivididos por vários sucos e povoações. Estes reinos encontravam-se coligados sob a influência de dois grandes *lurais* (régulos): os reinos de Servião, a parte ocidental da ilha, aceitavam a supremacia do liurai de Sombai, enquanto os reinos da região de Belos, a parte oriental da ilha, reconheciam o poderio do liurai de Behale.

Em 1515, frades dominicanos portugueses desembarcam pela primeira vez na ilha, em Lifau, agora no enclave de Oecússi. Posteriormente, alargam a sua influência à ilha das Flores fundando outro forte em Larantuca. Nestes fortes formam-se grandes comunidades de Portugueses mestiços. Para além da "força do sangue" português, havia uma política régia de fomento ao casamento inter-racial.

Entretanto, em 1636, chegam à zona os Holandeses, que tomam a ilha de Solor. Em 1653, é tomada a fortaleza de Cupão na parte oriental de Timor, ficando a ilha das Flores a ser o principal centro do comércio português. Grandes são as disputas com os Holandeses pelo domínio da região.

Solor muda de mão várias vezes. Quando, em 1642, Malaca é tomada pelos Holandeses, os *topasses* (portugueses mestiços) que aí residiam estabelecem-se em Larantuca, na ilha das Flores e em Macáçar, nas ilhas Celebes (agora

Sulawesi).

Em 1629 são referenciadas em Larantuca duas importantes famílias *topasses*: A de Jan d'Hornay, desertor holandês, e a família Costa. É graças à fidelidade destas duas famílias que Oecússi se mantém debaixo da soberania portuguesa. Tendo havido casamentos dentro das famílias reais do reino de Mena e Ambeno, os chefes dessas famílias tornam-se também liurais, tendo preferido manter-se ligados aos Portugueses, numa época em que a maioria dos reinos de Servião já se tinha desligado da coroa portuguesa.

No entanto, só no século XVIII é que os Portugueses ocuparam efetivamente Timor. Díli só se tornou capital da província de Timor em 1769 após o cerco de três anos à então capital, Lifau. No século XVIII, o sândalo estava quase extinto e Timor ficou num marasmo económico. Após o declínio das exportações desta madeira exótica, é introduzida então a cultura do café.

Em 1858, Portugal propõe-se ficar com toda a ilha de Timor e dar em troca os direitos sobre todas as outras ilhas mais um território em África. Proposta que os Holandeses não aceitaram.

Em 1860, pelo Tratado de Lisboa, é feita nova partilha: Portugal fica com o enclave do Oecússi e a Holanda com os de Maucatar e Atapupo. Portugal cede os enclaves na ilha das Flores e abandona as pretensões sobre várias ilhas. Em troca recebe 200.000 florins. Todas estas trocas foram feitas à revelia da população local. No final do séc. XIX aparece o petróleo que é pelo menos suficiente para a iluminação pública de Díli. Ao longo do séc. XX são concedidas licenças de exploração a várias companhias mas a guerra interrompe tudo.

Na II Grande Guerra, Austrália e Países Baixos apercebem-se da posição estratégica de Timor e invadem a ilha, apesar dos protestos de Portugal. Os Japoneses aproveitam-se do facto de a ilha ter sido tomada pela Austrália e invade-a em fevereiro de 1942, tendo aí ficado até setembro de 1945 — uma presença muito violenta. Quando os Japoneses abandonam Timor, deixam grande rasto de destruição. No total, 5000 Timorenses tinham perdido a vida

Após a guerra, os japoneses saem da ilha, mas Timor não recebe nenhuma reparação por parte do Japão por alegadamente Portugal ter tido um papel neutro durante a guerra.

Inicia-se então uma lenta recuperação económica do território. Escasso foi porém o investimento no território.

Portugal passa a governar a ilha com uma combinação de administração direta e indireta e usando as estruturas tradicionais de poder. Tal permitiu deixar a sociedade timorense praticamente intacta.

Com o 25 de Abril e o processo de descolonização que se lhe seguiu, volta o desassossego. Em agosto de 1975, estala uma guerra civil entre os partidários da FRETILIN e da UDT. A 28 de novembro, é declarada unilateralmente a independência de Portugal. Alguns dias mais tarde, a 6 de dezembro, a Indonésia, com o aval dos EUA e da Austrália, invade a parte oriental da ilha, num processo de anexação de tal maneira violento que só em março de 1979 os indonésios declaram Timor Leste pacificado — quase quatro anos após a invasão dum território com uns escassos 1500 km²!

A ocupação indonésia foi marcada por muita violência e brutalidade. Segundo dados da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor Leste, 200000 pessoas foram mortas e várias centenas de milhar vítimas da fome, de doença e das deslocações forçadas.

O massacre no Cemitério de Santa Cruz a 12 de novembro de 1991 durante o funeral do estudante Sebastião Gomes filmado por um jornalista australiano marcou o ponto de viragem na luta dos timorenses. No ano seguinte, Xanana Gusmão, o líder da resistência, foi preso. Em 1996, o bispo D. Ximenes Belo e o ativista José Ramos Horta recebem o Prémio Nobel da Paz.

Com a resignação de Suharto, chegou-se a um acordo sob os auspícios das Nações Unidas para a realização dum referendo para saber a vontade dos Timorenses: província autónoma da Indonésia ou independência. A 30 de agosto, o povo timorense declarou sem margens para dúvida (78%) que queria a independência, uma resposta que provocou uma reação extraordinariamente brutal e violenta por parte das milícias pró-indonésias que mataram, destruíram e saquearam indiscriminadamente, deixando o país praticamente sem infraestruturas.

Uma força multinacional das UNO foi enviada para Timor para restabelecer a paz e a segurança.

A 20 de maio de 2002, nasce uma nova nação: Timor Leste.

Começa então o longo caminho de formação dum país.

Díli. Uma capital adormecida

Chegamos de Singapura e aterramos na capital timorense num aeroporto de trazer no bolso. Pequenino mas sem a confusão dos aeroportos de pequenas cidades africanas. Ao mostrar o passaporte português, o funcionário acena-me e diz-me para seguir, pois não preciso de visto. Os portadores de outros passaportes, mesmo da União Europeia, têm de ir ao guichet e pagar os 30 dólares do visto.

Rapidamente chegam as nossas malas e saímos ao terminal. Estamos em Timor!

O aluguer do carro correu sobre rodas e a meio da tarde já estávamos bem instalados. Foi tomar um duche e ir dar um pequeno passeio pela Marginal (Av. de Portugal).

Apercebemos logo que aquele troço da Marginal se transforma à noite num restaurante ao ar livre. De todas as ruelas perpendiculares, saíam rapazes com cadeiras de plástico à cabeça que montam na areia. Entretanto, já havia muitas fogueiras acesas sobre as quais se grelhavam peixes, sassate (espetadas de carne), milho. As vendedeiras agitavam sacos de plásticos presos a um pau para afastar as moscas. Nós escolhemos o restaurante Nautilus, do outro lado da rua, para o nosso primeiro jantar em Timor.

No dia seguinte fomos então à descoberta de Díli. De mapa na mão seguimos para o Palácio do Governo, no antigo palácio do governador da época colonial. A opção por uma ampla colunata resulta da influência das construções da Praça do Comércio de Lisboa. Ali perto, virados para o mar, estão três grandes canhões antigos portugueses. À frente do palácio, o Monumento ao Infante D. Henrique com mais de 2 metros de altura. Foi construído em 1960 e integrado nas comemorações do 5º centenário da morte do Infante D. Henrique. Lembra um padrão, encimado com o escudo das cinco quinas e a cruz de Cristo e com um alto-relevo relativo às descobertas com a rosa dos ventos e o sextante e a inscrição: «Por Mares Nunca Dantes Navegados».

Ali bem perto, logo no quarteirão seguinte, está o fantástico Arquivo e Museu da Resistência Timorense (AMRT), criado em 2005, para a preservação da memória e do património histórico nacional e para a divulgação dos valores da Luta de Resistência do Povo de Timor-Leste. A exposição permanente está muito bem feita, explicando claramente a saga do povo timorense.

Também ali perto, está a Sala de leitura Xanana Gusmão, uma biblioteca pública inaugurada em junho de 2000 por Kirsty Sword Gusmão.

Estamos agora na Marginal, o centro nevrálgico dos habitantes de Dili. Ali se passeia, se brinca, se descansa debaixo das grandes figueiras de bengala ou debaixo do telhado ondulado onde até há internet, se compram frutas no mercado de rua ou somente se bebe uma água de coco.

Ali perto, o Monumento a Nossa Senhora, construído durante o ano mariano de 1954, com o brasão simplificado de Timor Português e, no cimo, a imagem de Nossa senhora rodeada de anjos.

Continuando o nosso passeio junto ao mar, chegamos à Praia da Areia Branca onde, um pouco mais adiante, no topo do Cabo de Fatucama, se ergue a grande estátua do Cristo Rei sobre um globo gigante. Os seus 27 metros de altura são uma alusão clara à anexação de Timor-Leste em 1976 como a 27^a província da Indonésia. A estátua, inaugurada em 1996, foi construída com apoios financeiros do governo central indonésio, do governo da província de Timor Timur e de várias empresas. A construção da estátua do Cristo-Rei gerou muita polémica entre a população, sendo vista por muitos timorenses como um símbolo político imposto por Jacarta, e não como uma imagem meramente religiosa

Para lá chegarmos temos de subir mais de 500 degraus. A escadaria é ladeada por pequenos santuários com os 14 passos da Via Sacra.

Durante os anos da ocupação indonésia, vários foram os monumentos simbólicos que foram construídos. Entre eles, o Monumento à Integração, no *Taman Integrasi* (Parque da Integração) no centro de Díli, para comemorar a integração de Timor Leste. Trata-se duma estátua de um *liurai* nas vestes tradicionais e a libertar-se das grilhetas que o prendiam de pés e mãos. Diversos «monumentos à integração» similares foram construídos um pouco por todo o território.

No centro de Díli, ainda dois marcos importantes: o farol, que nos indica o início do porto. Mesmo ao lado, num jardim e enfrentando o mar temos o monumento ao Engenheiro Artur de Canto Rezende. É o único que em Díli apresenta um busto em bronze da figura homenageada sobre um pedestal encimado por um escudo com as armas de Portugal e a legenda: «Engenheiro Artur do Canto Rezende, morto na prisão em Calabai em 1945, vítima do seu patriotismo e heroica abnegação».

Antes de irmos para Tassitolu para vermos os três mares (Tassi= mar, tolu=três) e a gigante estátua de João Paulo II, paramos primeiro no mercado de tais para apreciar a arte das tecedeiras de tais (e onde pudemos também observar a grande paixão pelo jogo do Bingo) e depois na Catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Em Tassitolu, teve lugar a missa ao ar livre celebrada pelo Papa e anos mais tarde a cerimónia da independência.

No caminho para as portas de Dili, ouvimos um muezzin a chamar para a oração e fomos até a mesquita, a única em Dili. No tempo indonésio, muitas eram as mesquitas em Dili, mas com a saída dos indonésios, a população muçulmana ficou reduzida a uma comunidade muito pequena. Os timorenses usaram também a religião católica como um instrumento de resistência contra a ocupação. Nos censos realizados pelos indonésios era obrigatório dizer a que religião se pertencia — não escolher nenhuma poderia significar ser-se comunista. Os timorenses punham então a cruzinha na religião católica. Apesar de muito crentes, os Timorenses não puseram de parte as suas crenças animistas, bem visíveis na parte leste da ilha, onde por exemplo, as campas têm cabeças de animais por cima das cruzes.

Do cemitério de Santa Cruz todos nós ouvimos falar em Portugal. O massacre no Cemitério de Santa Cruz a 12 de novembro de 1991 durante o funeral do estudante Sebastião Gomes filmado por um jornalista australiano marcou o ponto de viragem na luta dos timorenses. No ano seguinte, Xanana Gusmão, o líder da resistência, foi preso. Em 1996, o bispo D. Ximenes Belo e o ativista José Ramos Horta recebem o Prémio Nobel da Paz. Com a resignação de Suharto, chegou-se a um acordo sob os auspícios das Nações Unidas para a realização dum referendo para saber a vontade dos Timorenses: província autónoma da Indonésia ou independência. A 30 de agosto, o povo timorense declarou sem margens para dúvida (78%) que queria a independência, uma resposta que provocou uma reação extraordinariamente brutal e violenta por parte das milícias pró-indonésias que mataram, destruíram e saquearam indiscriminadamente, deixando o país praticamente sem infraestruturas.

Uma força multinacional das UNO foi enviada para Timor para restabelecer a paz e a segurança. A 20 de maio de 2002, nasce uma nova nação: Timor Leste. Começa então o longo caminho de formação dum país. Dili é a sua capital.

Dili-Baucau-Lautem-Tutuala-Jaco

Sair de Dili é sair para a aventura. As estradas são animadas... Buracos, buraquinhos, buracões, homens, mulheres, crianças, vacas e vitelinhos (um deles até a mamar calmamente no meio da estrada!), porcos e leitõezinhos, cabras e cabritos, galos, galinhas e pintainhos, cães , motos e camiões a barrotar de pessoas e carga, há de tudo na estrada. Na parte final da nossa viagem, até desapareceu uma parte da estrada...

Até Lautem, a estrada é quase toda ao longo da costa, tendo ao nosso lado esquerdo praticamente sempre arrozais ou salinas.

A primeira cidade para Leste é Manatuto. O distrito com o mesmo nome é o menos populado do país. No entanto, é muito conhecido por aí ter nascido Xanana Gusmão na vila de Laleia, onde parámos para ver a igreja, que sobressai na paisagem pela sua imponência. Falámos longamente com um frade capuchinho indonésio. Mandada construir pelo Pe. Diogo Caetano de Almeida, por volta do ano de 1920, e inaugurada em novembro de 1933, tem como Padroeira Nossa Senhora do Rosário. Desde a sua construção, até aos dias de hoje, a Igreja praticamente não sofreu nenhuma alteração a não ser, logo de início, aquando da ocupação Japonesa, durante a Segunda Guerra Mundial. Ao passar por Laleia, o Comandante Supremo deste exército, ordenou a demolição da igreja, mas o povo, ajudado por dois militares japoneses, o Tenente Ono, então Comandante Militar do Distrito de Manatuto, e o Sargento Tanabe, agente dos Serviços Secretos japoneses, conseguiram demover o Comandante das suas pretensões, ordenando somente a demolição das torres. Durante o tempo de ocupação, a igreja serviu de cozinha para as tropas e de estábulo para os cavalos.

À hora de almoço chegámos a Baucau, a segunda cidade de Timor Leste, que no tempo colonial se chamava Vila Salazar. O centro da cidade, construída em torno de uma nascente, tem um certo encanto com as suas ruelas estreitas cheias de vendedores, as suas casas em estilo colonial, a catedral e a pousada, um belo edifício colonial dos anos 60 do século XX. A piscina municipal é um oásis refrescante; a água vem das montanhas e corre sempre fresca para a piscina. O imponente Mercado Municipal foi projetado pelo arquiteto português Pinto Correia e está de momento em obras de recuperação.

A entrada em Lautem, que se chegou a chamar *Vila Nova de Malaca* no tempo colonial, faz-se pelas portas da cidade, bastante grandes. Não consegui saber se eram restos da muralha da cidade ou qual a sua origem.

No caminho podem ver-se umas casas de espíritos, em cima de estacas, com telhados de colmo.

Seguiu-se Tutuala, Nova Sagres no tempo colonial português, uma pequena vila rodeada de floresta. A pousada, já acabada mas totalmente vazia, ali está no topo do morro, olhando o mar e algumas ilhas do arquipélago das Molucas.

A noite aproximava-se. Havia que chegar a Jaco ainda com luz do dia. Na descida de Tutuala para a praia em frente do ilhéu de Jaco, a estrada foi-se. Estudámos a situação e passámos o buraco. Mas ainda tínhamos uns 5 km a descer, a pique, com pedregulhos e buracos—pedras rolantes. O stress era porque tínhamos de chegar antes de anoitecer. Uma corrida contra o tempo - mas com muitos buracões.

A meio caminho, visitámos as grutas Ile Kere Kere, cujo nome significa *Montanha com escritos*. Sem a ajuda dum guia local, o Sr. Gonçalo, nunca teríamos descoberto as grutas pois não há nenhuma indicação. Estas grutas têm indícios de ocupação humana há mais de 40 mil anos. Nos muros podemos ver pinturas rupestres de há 5000 anos: animais, figuras humanas a dançar, figuras celestes ou símbolos da vida. Foi também aqui que alguns dos membros da resistência timorense viveram durante a ocupação indonésia, tendo partilhado o espaço com centenas de morcegos que ali habitam, gozando o escuro das grutas.

Ao chegar à praia, já a noite cerrada, perguntámos se ainda haveria um quarto no eco-ressort. Nada! Que fazer? Voltar para trás à noite seria impensável. O Sr. Luís rapidamente resolveu o problema, alugando-nos uma tenda que montou na praia. Felizmente tínhamos *pareos* e toalhas de praia para servirem de lençol e manta... E de manhã fomos presenteados com um lindo nascer do sol com o Ilhéu de Jaco como cenário.

Jaco é considerada sagrada pelos povos autóctones (pelo que não se pode lá dormir), sendo igualmente um importante habitat de aves. Durante o dia os pescadores levam lá os visitantes, que trazem de volta o mais tardar ao pôr do sol.

O ilhéu é verdadeiramente mágico, com águas turquesas cristalinas e inúmeras conchas grandes e pequenas, incluindo o grande náutilus e belíssimos corais. Um paraíso depois dum caminho de inferno.

Dili-Dare-Maubisse-Hato Builico

De regresso a Díli, voltámos a partir em direção a Sul.

Primeira paragem: Dare para ver o Museu do Memorial Australiano da Guerra, construído pela Companhia Independente 2/2, a unidade de guerrilha australiana, também conhecida por Sparrow Force que lutou contra os japoneses em 1942-43. Do monumento, a vista sobre Díli e a ilha de Ataúro é fenomenal.

Seguimos caminho para Aileu. A estrada era igualmente péssima, mas as paisagens lindas: nos vales arrozais, nas montanhas café, e por todo o lado, muitas flores. E cada vez mais, aldeias com casas típicas sobre estacas com tetos de colmo, com esteiras a servir de paredes. Na cidade, está o Monumento aos Mártires de 1942, um massacre de Portugueses perpetrado por Japoneses.

Os 25 km até Maubisse fizeram-se muito bem, pois a estrada está razoável e é muito bonita, ladeada de mimosas amarelas e de estrelas de Natal encarnadas. Em Maubisse visitámos a pousada, totalmente adormecida, instalada na antiga residência do governador português.

Esta região ainda mantém as suas tradições, quer nos trajes quer na arquitetura. À saída de Maubisse encontramos um *katua* (ancião) a quem demos boleia. Até Hato Builico, no sopé do Ramelau, saindo da estrada principal, são 18 km de picada, passando por diversas aldeias com as típicas casas redondas de teto de colmo. As pessoas andam embrulhadas em mantas, indicador do frio que faz nas alturas. Ficámos na Pousada Alecrim, por assim dizer a única existente na aldeia. Simples mas limpa. Mana Adelaide falava lindamente Português. Em frente da pousada um grande altar mariano.

Ramelau

Sáimos da pousada às 3h da manhã. Fizemos os primeiros quilómetros de carro. Às 3h25 assinámos o livro de entradas no parque do Ramelau. Um funcionário, esticou-nos um livro e disse: Escrever aqui. Lá pusemos os nossos nomes e a hora de chegada; graças a este registo, o governo garante que ninguém fica perdido no Ramelau. Ao regressarmos, deveríamos também ter assinado e escrito a hora de saída, mas o funcionário estava para a horta e não assinámos nada...

Começámos a subida às 3h30. Estava escuro como breu. Sobre as nossas cabeças uma abóboda verdadeiramente negra, repleta de estrelas, grandes e pequenas, algumas muito brilhantes a piscarem, outras mais recatadas, quietas e sossegadas no seu lugar, outras andando a escorregar no céu, como se o firmamento fosse um enorme escorrega do parque infantil. À nossa volta o silêncio total. Só se ouviam os nossos passos, a nossa respiração e o vento passar na folhagem das árvores. Às 5h30 estávamos na igreja ao ar livre do Ramelau. Pequena paragem para descansar. Às 6h, quando começavam a surgir os primeiros anúncios da luz do dia, alcançámos o topo daquela montanha que eu aprendi na escola primária ser a mais alta de Portugal. Agora é a mais alta de Timor Lorosae.

Maria ali estava, indiferente ao vento gelado que passava, de braços abertos para acolher no seu regaço quem se atreve a subir até ao céu. Foi lindo o nascer do sol, visto a 2960 metros. Fazia um frio de rachar: 5°C! No vale, a nossos pés, o nevoeiro começou a subir, tendo chegado rapidamente ao topo e envolvendo-nos totalmente. Pensávamos que já não iríamos ver o nascer do sol, quando de repente, surgiu ao longe no horizonte uma enorme bola de fogo a sair do mar.

Suai

Mesmo cansados da subida ao Ramelau, pusemo-nos a caminho. A primeira cidade por onde passámos foi Ainaro, localizada num vale. Do alto ainda da montanha, já se avista “*ai naru*” ou seja, a árvore alta, um gondoeiro. Foi esta árvore que os katuas (anciãos) locais indicaram, em 1904, ao oficial expediente português, quando aqui chegou para estabelecer um posto do comando local.

Chegámos à noite ao Suai, cansados, mas fomos calorosamente recebidos por três professores portugueses, o Tiago, a Xana e Jovita. Rapidamente nos esquecemos do cansaço e integrámo-nos nas suas atividades.

Depois de jantar levaram-nos até à Catedral, onde tinha chegado a Cruz Jovem, uma cruz coberta de *tais* e que anda por todas as paróquias de Timor. Por onde passa, há grandes demonstrações de fé. Durante a noite, os jovens revessam-se para a vigília. Aqui no Suai, a presença do Cruz Jovem suscitou a realização dum Encontro Nacional de Jovens. A missa de abertura do Encontro foi solene, tendo sido celebrada pelo bispo de Maliana. Alguns acólitos estavam vestidos com fatos tradicionais.

Foi aqui que, a 6 de setembro de 1999, foram assassinados pelas milícias pró-indonésias centenas de civis, entre elas, três padres timorenses e um padre jesuíta da Ilha de Java, cujos bustos se encontram no adro.

Esta igreja demorou mais de 20 anos a ser construída, tendo sido oficialmente inaugurada a 15 de agosto de 2012.

No dia seguinte, à tarde fomos com os três professores para Suai Loro, uma aldeia ainda muito intacta nas suas tradições e onde o Tiago Franco está a desenvolver um projeto de criação duma biblioteca escolar para promover a aprendizagem e o desenvolvimento da língua portuguesa.

O chefe do suco (aldeia) toma todas as decisões em relação ao seu suco. As mulheres dedicam-se à tecelagem (esteiras e tais) e à seca do peixe, os homens à pesca. Ambos cultivam as suas hortas. A grande paixão é jogar Bingo, enquanto mascam *buá* malos, uma mistura explosiva de noz de areca, folhas de bétela, tabaco e um pó branco feito a partir dos corais. O processo de preparação deste pó branco é algo demorado: primeiro o coral é torrado e depois colocado num cesto onde salpicado com água, sal, piri-piri e ervas. O cesto é fechado e o coral é deixado a descansar durante algumas semanas até se transformar num pó muito fino que se mistura com a areca e o tabaco e se masca. Atualmente, muita gente, substitui este pó de coral, pura e simplesmente por cal, que corrói as gengivas (e possivelmente o esófago e o estômago), mas que abranda a sensação de fome, sendo igualmente estimulante e relaxante. É altamente aditivo.

Provoca um fluxo abundante de saliva vermelha, que mancha os lábios e os dentes. A noz de areca provoca danos muitas vezes irreversíveis, deixando as pessoas sem dentes muito cedo. Além disso, esta mistura é altamente cancerígena.

Nos arredores de Suai Loro, mesmo perto da praia temos uma das primeiras “torneiras” de petróleo, ainda do tempo dos Portugueses e um antigo forte português já tomado pelas raízes das sequoias. A marca do tempo e da presença portuguesa.

Suai-Maliana-Batugadé-Maubara-Dili

Para fazermos estes 250 km entre Suai e Díli, demorámos 11h30 por causa do estado das estradas! No caminho fomos parando para ver a paisagem e para comprar fruta que fomos comendo pelo caminho.

Poucos quilómetros depois de Maliana, bem perto da fronteira com a Indonésia, parámos em Balibó para ver o forte português do século XVIII que está a ser recuperado e onde irá ser instalado um restaurante.

Mesmo em frente, está o Monumento da libertação e a famosa casa onde os cinco jornalistas australianos foram mortos em outubro de 1975 durante a invasão indonésia, apesar de terem pintado a bandeira australiana e a palavra Austrália na parede da casa para serem poupados. A casa foi comprada pela Austrália e é atualmente um centro comunitário.

Seguimos para Batugadé, diretamente na fronteira. Fomos até lá. É um posto fronteiriço moderno, mas adormecido.

Chegámos finalmente de novo à costa norte. A estrada estava a ser arranjada. Na “bomba” de gasolina, que só vendia o combustível a partir de bisões de 10 l, a funcionária era multifunções: tanto atestava os carros como se sentada a fazer cestos.

Seguimos para Maubara, onde o forte holandês do século XVII foi restaurado pela Cooperação Portuguesa. No mercado em frente da fortaleza podem comprar-se muitos artigos regionais, como cestos e *tais*.

Terminámos o nosso passeio por Díli com a ida a duas praias famosas: a praia do Dólar e a praia dos Portugueses. Ambas têm uma história engraçada.

A praia do dólar recebeu o nome por ter tido durante alguns anos, uma cancela de acesso à praia para qual se tinha de pagar 1 dólar para se poder estacionar. Agora a praia está aberta e qualquer pessoa pode lá ir.

A praia dos Portugueses foi assim batizada pelo facto de os GNR irem sempre para aí. Os nossos soldados da GNR eram muito populares em Díli por serem muito atenciosos para com as raparigas. Todas queriam ter um namorado da GNR. Com tantas ocupações bélicas são poucos os monumentos históricos de Timor. A grande riqueza de Timor são as pessoas.